

Vidas Negras Importam: Análise de Redes Sociais do Ativismo em Nuvem Sobre os Episódios #80Tiros e de George Floyd

Black Lives Matter: Social Network Analysis of Cloud Protesting About #80Tiros and George Floyd

*Daniele Cristine Rodrigues¹ 

*Claudio Luís Camargo Penteadó² 

*Taís Silva Oliveira³ 

Resumo

O artigo apresenta o estudo a partir do mapeamento da repercussão no Twitter em torno de casos de assassinato de pessoas negras por forças de segurança do Estado – #80Tiros (Brasil) e George Floyd (EUA). Recorrendo à Análise de Redes Sociais, o intuito foi identificar grupos formados nas redes e as práticas discursivas acionadas, em especial, de marcadores característicos da branquitude. No comparativo entre as redes, ambas apresentam grafos direcionados e nós poucos conectados, mas se diferenciam na métrica de diâmetro: Mineápolis com 5 e #80tiros com 3, ou seja, o primeiro com *clusters* mais distantes. Em termos dos discursos fomentados, é marcante a denúncia de violência deliberada contra cidadãos negros e a postura de relativização da gravidade e da responsabilidade por parte do Estado nos dois episódios.

Palavras-chave: ativismo digital; vidas negras importam; branquitude; análise de redes sociais.

Abstract

The article presents the study from the mapping of the repercussion on Twitter around murder cases of black people by state security forces – #80Tiros (Brazil) and George Floyd (USA). With the Social Network Analysis, the objective was to identify groups formed in the social networks and the discursive practices triggered, especially, of characteristic markers of whiteness. Comparing the networks, both present directed graphs and disconnected nodes, but the Networks are different in their diameter metrics: Minneapolis with 5 and #80shots with 3 of diameter, the first network with the most distant *clusters*. In terms of the speeches promoted, the denunciation of the deliberate violence against black citizens and the

¹ Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPG-CHS/UFABC, São Bernardo, SP, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6909-0193>.

² Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPG-CHS/UFABC, São Bernardo, SP, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8279-3643>.

³ Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPG-CHS/UFABC, São Bernardo, SP, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1064-2755>.

posture of relativization of gravity and responsibility on the part of the State are remarkable in both cases.

Keywords: digital activism; black lives matter; whiteness; social network analysis.

Introdução

A popularização do acesso à Internet pelo uso das plataformas de mídia social tem incorporado transformações nas relações humanas e, hoje, são esferas onde os usuários expressam suas opiniões e participam do debate público sobre diferentes temáticas. No campo político, desde a primeira eleição de Barack Obama em 2008, as Redes Sociais de Internet (RSI) também se tornaram um importante espaço e ferramenta da prática política contemporânea (BIMBER, 2014), promovendo novas experiências e tipos de ação, como a produção de informações relacionadas ao campo, formas de interação de governo eletrônico, formação de uma esfera pública interconectada e ativismo de grupos políticos (PENTEADO; CRUZ JUNIOR, 2019), nos quais diferentes atores procuram disputar, por meio de práticas discursivas, as narrativas dos eventos e defesa de causas políticas, econômicas, sociais e culturais (MONARI *et al.*, 2021; PENTEADO *et al.*, 2021; RECUERO, 2019).

A comunicação nas plataformas de RSI é caracterizada pelo papel ativo dos usuários, o que favorece a interação personalizada, articulada por meio dos perfis dos usuários, possibilitando uma importante transformação nos modelos de participação política (BENNETT, 2012). As mobilizações de protestos políticos e sociais têm incorporado o uso intensivo das RSI em suas campanhas, como nos movimentos massivos da Primavera Árabe, Los Indignados na Espanha e no Occupy Wall Street (CASTELLS, 2015; GERBAUDO, 2012).

No Brasil, os efeitos do ativismo digital – articulação, visibilidade das pautas e espaço de discussão – começam a ser percebidos com mais intensidade a partir de 2013, quando milhares de pessoas foram às ruas, mobilizados e informados pelas RSI, para questionar, inicialmente, pautas como transporte público. Depois, alimentadas pela forte polarização política ideológica que permeou as eleições de 2014, novas agendas conservadoras passaram a pautar esses protestos nas redes e ruas, especialmente, o pedido de *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016 (BÜLLOW; DIAS, 2019; PENTEADO; LERNER, 2018).

O ativismo negro também teve uma expansão e apropriação das tecnologias digitais em seu repertório. Cada vez mais, as RSI ocupam espaço de destaque em suas ações políticas (CARNEY, 2016), na produção de conteúdos que questionam as práticas de racismo, violência contra a população negra, a luta do feminismo negro (LIMA, 2020) como em outras formas de mobilização política. Um exemplo de levante do ativismo digital negro nas RSI, articulado com movimentos de defesa dos direitos humanos, foi a reação ao assassinato de Marielle Franco, vereadora negra, em março de 2018. Em um estudo (OLIVEIRA, *et al.* 2020), por meio da abordagem de redes sociais, se evidencia a articulação no Twitter em torno das *hashtags* como #QuemMatouMarielle, #QuemMandouMatarMarielle e #MarielleVive, que além de manifestar tristeza pelo brutal assassinato da vereadora e do motorista Anderson

Gomes, também cobraram justiça. "Quem Matou Marielle?" alcançou o *Trending Topics* Mundial do Twitter em 15 de março de 2018.

Diante desse cenário de centralidade das RSI nas ações de comunicação do ativismo contemporâneo, o artigo tem o objetivo de apresentar, por meio da metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS), um estudo comparativo entre as mobilizações no Twitter em torno de dois casos de natureza racial: *Black Lives Matter* (BLM) ou *Vidas Negras Importam*, em português, ocorrido em Minneapolis, nos EUA, em 2020, e o caso dos 80 tiros, no Rio de Janeiro, em 2019 – ambos discutidos sob a ótica do ativismo digital, mais precisamente do conceito de protesto na nuvem (MILAN, 2015). Esse conceito de mobilização que emerge com a consolidação das RSI é fundamentado, modelado e possibilitado pelas plataformas de mídias sociais e dispositivos móveis, indo além do aspecto material, propiciando a mediação produtiva das conversas e atos, com uma dimensão simbólica também, principalmente, de criação de sentido (COULDRY, 2016).

As manifestações em torno de BLM foram aquecidas no mundo após o assassinato de George Floyd, em 25 de maio de 2020, pelo policial branco Derek Chauvin, em Minneapolis, nos Estados Unidos (EUA) (MANZANO, 2021). As cenas do policial ajoelhado no pescoço de Floyd, por quase 9 minutos – algemado, imobilizado e com súplicas de “não consigo respirar” e “não me mate”, circularam nas redes, gerando forte mobilização digital, além de passeatas em diversas cidades do mundo, inclusive no Brasil.

O segundo caso de violência é objeto de análise é o episódio “80 tiros”, que ocorreu em Guadalupe, no Rio de Janeiro, 07 de abril de 2019. Doze militares do Exército fuzilaram o carro do músico Evaldo Rosa que estava se deslocando para um chá de bebê com três membros da sua família e uma vizinha adolescente. Evaldo morreu no local. A ação é chamada de 80 tiros porque 82 balas atingiram o carro, embora o número de disparos efetuados foi de 257. A execução provocou outra vítima fatal, o catador de material reciclado Luciano Macedo, alvejado ao ajudar a família. Para o Comando Militar do Leste, os militares confundiram o carro com o de criminosos⁴.

O comparativo dos casos – que têm como similaridade a violência de Estado contra pessoas negras – tem por finalidade apresentar a estrutura e as relações das mobilizações digitais nas RSI, exclusivamente no Twitter. Pretende-se ainda: identificar aproximações em torno das estratégias discursivas da militância e quais perfis se destacam e suas respectivas pautas. Conceitos base à interpretação analítica da rede de interações e discursos formada pelos *tweets* coletados são: ignorância branca (SANTOS, 2018), privilégios da branquitude (PIZA, 2014) e necropolítica (MBEMBE, 2018a) – conceituações apresentadas nas seções subsequentes.

Como técnica metodológica foi utilizada a Análise de Redes Sociais na Internet (ARS), de cunho estruturalista, que possibilita traçar visões sobre grupos a partir da análise das disposições de interação entre os agentes (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012) e discorrer quantitativamente e qualitativamente as práticas narrativas acionadas, em especial nas interações em RSI. O método e métricas desse método de análise viabilizam a identificação das narrativas centrais, por meio da localização de comunidades temáticas (*clusters*) e os perfis mais influentes dentro de cada comunidade.

⁴ Os 12 militares do exército foram denunciados por homicídio qualificado, tentativa de homicídio e omissão de socorro. A Justiça Militar da União condenou oito deles, em 2021, mas continuam em liberdade até a decisão final do Superior Tribunal Militar.

O artigo está estruturado em quatro seções. Logo após a introdução se discute ativismo digital e RSI como ferramentas de articulações do protesto na nuvem. Na sequência, conceitos relacionados ao discurso da branquitude que serão acionados na análise das redes formadas. Os caminhos metodológicos e a análise propriamente estão na terceira seção. Por fim, apresentamos as considerações gerais sobre o estudo.

Ativismo Digital e a Mobilização sobre Vidas Negras Importam

O ativismo digital tem momentos delimitados na combinação do acesso aos recursos de comunicação e as formas de organização (MILAN, 2015). Se antes, os grupamentos tinham lideranças reconhecidas e controle organizacional, a difusão da Internet, em meados de 1990, traz novas ferramentas. E, depois, com as RSI, isso se potencializa, abrindo espaço à entrada de novos atores.

Para Silveira (2010), a militância inicial no ambiente virtual nasceu sob influência da ética *hacker* – com o propósito de autonomia libertária, com a apropriação de recursos tecnológicos para questionar as estruturas de poder. Nos anos de 1990, os militantes do *software* livre e o Movimento Zapatista perceberam o potencial do mundo conectado digitalmente e apostaram no poder da comunicação da *web* para interligar ativistas em redes globais, promovendo novos modelos de ação coletiva, que privilegiava arranjos informais e redução de custos sociais e financeiros de mobilização – nos termos de Bennett e Segerberg (2013). Esse sistema de comunicação descentralizado e estruturado em redes sociotécnicas é marcado pela abundância de informações e possibilita o questionamento das estruturas de poder e de representação (CASTELLS, 2015).

Com o crescimento e a popularização das redes sociais digitais, recursos mais acessíveis e com estruturas prontas foram usados no ativismo (CASTELLS, 2015). E para entender essa estratégia e seus efeitos, como frisou Mcgrath, Elbanna e Hercheui (2012, p. 249, tradução dos/as autores/as), “é preciso compreender as implicações teóricas das novas mídias, especificamente as maneiras pelas quais as novas formas de engajamento desafiam os entendimentos de participação, organização e oposição”. Para Bennett e Segerberg (2013), a ação coletiva contemporânea se articula com duas lógicas: 1) Ação Coletiva Tradicional, emprestada do ativismo fora do ambiente digital, onde a organização se dava com a formação de identidades coletivas organizadas em torno de estruturas organizacionais; e 2) Ação Conectiva, que aproveita a própria dinâmicas das RSI e a possibilidade de compartilhamento de conteúdo personalizado, por meio da articulação de redes de contatos pessoais, sem a necessidade da existência das estruturas de organização tradicionais, tornando a ação coletiva mais dinâmica ou, nos termos de Milan (2015), com uma estrutura mais leve e de acesso difuso e personalizado.

As redes informais que emergem com as RSI permitem a criação de identidades flexíveis, lideranças flutuantes e agregações temporárias por afinidade. Para Milan (2015), premissas centrais do protesto em nuvem são: 1) processo de natureza sociotécnica e não exclusivamente sociológica ou comunicativa; 2) política de visibilidade por meio de mecanismos como performance, onde os usuários encenam uma história na qual são protagonistas; 3) interpelação, convocação por meio de *tags*, citações e menções; 4) ampliação de temporalidade, com ciclo de vida da ação expandido; e 5) reprodutibilidade, RSI atuando como câmaras de eco. Segundo a autora, cada grupo de militância desenvolve uma estratégia de comunicação adaptada para um contexto e para as características das redes sociais, acionando as redes com diferentes finalidades (GERBAUDO, 2012).

Grupos de ativistas, militantes e simpatizantes de diferentes causas e orientações políticas utilizam as plataformas de mídia social para formular identidades coletivas e promover discursos e narrativas de legitimação de suas lutas políticas (PAPACHARISSI, 2015). A identidade é um importante motor das mobilizações e permite a conexão entre redes e ruas. Mas, adicionar um símbolo de uma causa no próprio perfil numa rede social, por exemplo, não indica que a pessoa aderiu a um círculo coletivo (GERBAUDO, 2012).

A discussão sobre identidades coletivas em tempos de ativismo em nuvem se torna mais desafiadora, pois elas são efêmeras. A organização dos grupos se dá de modo temporário, baseado em afinidades e visando ações de curta duração ou pontuais. A construção da identidade se inicia e se encerra com e dentro do indivíduo e na sua autorrepresentação, sendo forte no presente e na medida que é compartilhada nas redes sociais, mas frágil com o tempo (MILAN, 2015). Outro elemento desafiador ao se pensar identidade coletiva é a ambivalência, ao passo que as RSI potencializam o alcance das mensagens, mas sem garantir que chegará com contexto. Esse dinamismo de sentidos, ainda para Milan (2015), compromete encontrar o que Bennett e Segerberg (2013) chamam de respostas adaptativas de longo prazo – aprendizados acumulados e reaplicados aos movimentos.

As RSI interferem também nas lideranças dos movimentos sociais, agora flexíveis. Administradores de grupos, organizadores de eventos no Facebook e editores de perfis no Twitter podem atuar como líderes temporários ao assumir a configuração do protesto e, por consequência, do desenrolar das práticas discursivas no espaço. Nessa configuração, as RSI atuam como um princípio organizacional ao protesto na nuvem, similar ao papel que instituições e a mídia auto-organizada faziam nos primórdios dos movimentos sociais – mas sem ignorar a natureza dos agentes (GERBAUDO, 2012).

Trazendo a discussão do ativismo negro ao recorte do movimento BLM, o assassinato de George Floyd foi combustível para reacender o movimento (GUIMÓN, 2020) que há anos problematiza a violência e a brutalidade policial contra cidadãos negros (TAYLOR, 2020), motivando manifestações nas RSI e nas ruas. Criado em 2013, foi concebido pelas mulheres negras Alicia Garza e Patrisse Cullors (de Los Angeles) e Opal Tometi (do Arizona), inicialmente como uma *hashtag* depois que o vigilante de bairro civil George Zimmerman foi inocentado pela morte de Trayvon Martin. A intenção era formar uma rede descentralizada para mobilizar as pessoas em prol de uma intervenção ideológica e política para cessar o descarte sistemático das vidas das pessoas negras (TAYLOR, 2020).

O BLM ganhou relevância nos EUA nos protestos pela morte de Eric Garner, assassinado por um policial branco que aplicou uma chave de estrangulamento, em 2014, em Nova York. Assim como Floyd, Garner suplicava “não consigo respirar”. No mesmo ano, outro caso que incitou o movimento foi a absolvição do policial branco que matou Michael Brown, em Missouri – jovem negro desarmado que recebeu pelo menos seis tiros. A repressão violenta do Estado contra essas manifestações reforçou a atração de ativistas e a atenção da imprensa para essa abordagem violenta dos policiais, resultando em morte sistemática da população negra (TAYLOR, 2018). Os frutos da BLM se mostram no crescimento do número de norte-americanos que reconhece que o racismo é o maior problema do país, passando de 1%, antes dos protestos, para 13% (Taylor, 2018), o maior nível desde a Rebelião de Los Angeles, em 1992.

O foco na "violência estatal" distancia estrategicamente a realidade daquela análise convencional que reduz o racismo às intenções e ações dos indivíduos envolvidos. Mencionar a "violência estatal" legítima a demanda subsequente de que o "Estado tome providências"; exige mais do que a remoção de um policial em particular ou a advertência de um departamento de polícia específico, e chama a atenção às forças sistêmicas que permitem que os indivíduos ajam com impunidade. (TAYLOR, 2020, p. 25)

O assassinato de Floyd gerou novo levante, extrapolando os limites dos EUA (REUTERS, 2020). Manifestantes foram às ruas, mesmo em meio a pandemia do Coronavírus (SARS-CoV-2), em diversas cidades de países da Europa, Austrália, Coreia do Sul, Japão e Brasil para reivindicar a revisão das operações policiais ou a extinção de corporações. Nos EUA, a dimensão dos protestos e a violenta repressão policial remetiam aos movimentos pelos direitos civis na década de 1960 (ALMEIDA, 2021).

No Brasil, as marchas de apoio ao BLM aconteceram em dezenas de cidades (VIDAS..., 2020). Os manifestantes trouxeram à tona outras mortes de negros que também geraram comoção no país – como de João Pedro, de 14 anos, baleado dentro de casa por um policial no Rio de Janeiro, em 2020, e de João Alberto Silveira Freitas, homem negro espancado e asfixiado até a morte por seguranças de um supermercado em Porto Alegre, na véspera do Dia da Consciência Negra.

Além da movimentação nas ruas, o caso em Minneapolis tomou conta das RSI no mundo. No ano do ocorrido (2020), a discussão em torno de BLM aumentou também o número de pesquisas no buscador Google sobre temáticas raciais. O interesse nas perguntas “O que é racismo estrutural” e “Como combater o racismo” foi recorde em 2020. No Brasil, os casos de violência contra negros dentro e fora do país também despertaram o interesse em termos como “privilégio” e “privilégio branco” (MORAES; SANTOS, 2021).

O segundo caso analisado no artigo, os assassinatos do músico Evaldo e do catador de material reciclável Luciano, também motivou manifestações nas ruas (apenas no Brasil) e nas RSI. As discussões tiveram forte peso político, em especial pelas declarações dos governantes brasileiros relativizando o ocorrido e a responsabilidade do Exército. O Comando Militar do Leste (CML) e o então Ministro da Justiça Sérgio Moro afirmaram se tratar de um incidente e que "lamentavelmente, pode acontecer" (COHEN, 2019). Já o presidente Bolsonaro refutou a responsabilidade do Exército nas mortes (BOLSONARO..., 2019). Assim como nas manifestações em torno da morte de Floyd, a pauta puxada transcendia as mortes no Rio de Janeiro, evidenciando a arbitrariedade policial recorrente contra cidadãos negros (MANIFESTANTES..., 2019)

Ambos os casos estiveram entre os assuntos mais comentados do Twitter, chegando ao *Trending Topics* nacional ou mundial⁵. A análise dos discursos acionados nas redes sociais sobre os episódios – próxima seção deste artigo – ajudará a tornar claro o conceito de protesto na nuvem, modalidade contemporânea de articulação e ação dos movimentos sociais que, embora ocorram na esfera digital, estão diretamente conectados aos atos nas ruas (MILAN, 2015), ao agendamento de discussões para a revisão de políticas de segurança e pressões para julgamentos desses assassinatos.

⁵ Trending topics do Twitter no dia 08/abril/2019, um dia após o fuzilamento do carro do músico no Rio de Janeiro, quando tanto #VidasNegrasImportam como #80tiros estiveram em destaque: <https://getdaytrends.com/pt/brazil/2019-04-08/21>.

Mais que isso, a utilização das RSI pela militância antirracista é uma das ferramentas para combater o tripé de mazelas sociais que afetam negativamente a identidade negra, expressadas por meio das narrativas de: construção negativa de subjetividades individuais ou coletivas (processo de inferiorização), negação de direitos para negros (privando a população negra de acesso a bens materiais e simbólicos) e a descaracterização da discussão racial, com a omissão do caráter racial de privilégios rotineiros (JESUS, 2017). E para isso, ainda segundo a autora, os movimentos sociais de combate ao racismo precisam trazer à tona essas vantagens estruturais dos indivíduos brancos nas sociedades hierarquizadas racialmente – dentre elas o acesso à educação, moradia, saúde e segurança – para derrubar a falácia de que há equidade de direitos e que o acesso está condicionado superação ou esforço dos indivíduos. Silva e Cardoso (2017, p. 247) corroboram com esse olhar, defendendo que no Brasil, nem as estatísticas que escancaram as desigualdades sociais vividas pela população negra são suficientes para acender um elo emocional na branquitude para vencer o sentimento de traição ao ver espaços sendo compartilhados e de negação desse "lugar de privilégio de homens e mulheres brancas neste país e na diáspora, dos quais participam de todo espaço que configure status, prestígio e poder". E eis que quando ocorrem episódios de grande reverberação fora do mundo digital e nas RSI, a mobilização antirracista aproveita para problematizar esse sistema de poder material e simbólico discriminatório.

O potencial das RSI também foi identificado pelo lado opressor, como supremacistas brancos e outros movimentos hegemônicos. Líderes da Ku Klux Klan acionam as Tecnologias da Informação e Comunicação para espalhar sua mensagem (DANIELS, 2017). No contexto brasileiro, uma das categorias de discurso de ódio que mais cresceu nos últimos anos é de ataques contra pessoas negras (TRINDADE, 2020), ou seja, eventos relacionados à violência contra a população negra mobilizam nas RSI reações de protestos e indignação, mas também há um embate de narrativas (conflito discursivo) de grupos que buscam deslegitimar a mobilização do ativismo negro em RSI.

Branquitude e Discursos Antirracistas nas Redes Sociais Digitais

Antes de analisar os discursos evocados no Twitter para repercutir os casos 80 tiros e BLM, é preciso entender elementos condicionantes desses discursos da branquitude que serão importantes no momento da análise dos recortes, assim como conceitos centrais na obra de Mbembe (2018a).

Um termo central para entender os embates discursivos sobre racismo é branquitude, definição que não se relaciona a questões biológicas, mas construções discursiva sociais de identidade para implementar, manter e reforçar privilégios de sujeitos – brancos ou não – que sistematicamente são favorecidos “[...] no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade” (SCHUCMAN, 2014, p. 84). Sob a ótica da branquitude, o branco se vê e pondera os não brancos, principalmente em contextos aparentemente não racializados, justificando ou negando seu lugar de privilégio. É sobre entender os “efeitos produzidos pelo processo de miscigenação e pela ideologia do branqueamento” (SILVA, 2017, p. 28). A ideologia do branqueamento – uma das bases da ideologia racial brasileira – defende que, graças ao intensivo processo de miscigenação, seria possível criar a suposta raça brasileira com o intuito de provocar a longo prazo o desaparecimento de indígenas, negros e mestiços que, segundo essa

ideologia, comprometiam o Brasil como nação. Essa ideologia pode ser entendida também como uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca para que o negro negasse a si mesmo, postura cuja interiorização deixou marcas invisíveis no imaginário e na representação coletiva, interferindo até hoje no processo de identificação individual e de construção da identidade coletiva (CARONE, 2014). Os Estudos Críticos da Branquitude⁶ (*Critical Whiteness Studies*) nascem da percepção de que era fundamental entender a ideologia do branqueamento, elemento ativo nas relações raciais em sociedades marcadas pelo colonialismo europeu (SILVA, 2017).

Um conceito contemporâneo adicional para a discussão, cunhado pela pesquisadora Aparecida Bento (2002), é o pacto narcísico da branquitude, que evidencia essas relações desiguais, destacando o lugar de privilégio que o branco ocupa e como, de modo consciente, usa discursos para se manter nesse espaço, negando os problemas sociais vinculados a questões raciais pelo receio de perder o favorecimento ou ser responsabilizado pelas desigualdades. Trata-se de um “[...] pacto silencioso de apoio e fortalecimento aos iguais. Um pacto que visa preservar e conservar a manutenção de privilégios e de interesse” (BENTO, 2002, p. 105-106).

Uma metáfora simples para entender esse privilégio branco é pensar em uma mochila invisível que as pessoas brancas carregam ao longo da vida, com elementos que abrem portas e geram favorecimento e oportunidades – como passaportes simbólicos para obter o que se deseja simplesmente por nascer em determinado contexto ou grupo – e, normalmente, sem que percebam essas facilidades. Autores de perspectiva crítica afirmam que a negação em torno dos privilégios pela branquitude é uma ferramenta política intencional à manutenção dos mesmos (MC’INTOSH, 1989). Discursos de meritocracia são a consolidação desse olhar que ignora que as pessoas partem de bases diferentes, com acessos dispares a elementos estruturais (metaforicamente os elementos da mochila) e que, por isso, as barreiras para chegar a um mesmo objetivo nem sempre são equiparáveis, passando longe de merecimento ou esforço.

A manutenção de privilégios e o esvaziamento de propósito nas práticas discursivas da branquitude são justificados pela sociedade como *ignorância branca* (SANTOS, 2018) – conceito criado para nominar a postura negacionista do contexto histórico das estruturas racistas e patriarcais que moldaram a Sociedade Moderna e seguem vigentes. Como argumenta Miranda (2017, p. 65), “[...] ter consciência da sua racialidade, da própria brancura, não garante a essa pessoa uma percepção automática sobre os próprios privilégios. [...] e isso tem a ver com a ausência de um auto exercício crítico”. Recorrer ao desconhecimento da violência policial em regiões periféricas é um subterfúgio recorrente da branquitude, por isso é um marcador discursivo a ser considerado na análise (UNIVERSIDADE TIRADENTES, 2021). Condutas como essas ajudam a consolidar o racismo como um sistema de poder, uma rede estruturada onde as ações individuais e coletivas ocorrem segundo uma normatização, reproduzindo as desigualdades estruturais (ALMEIDA, 2019), o que justifica evidenciar as práticas discursivas da branquitude e o ativismo negro.

⁶ Na década de 1990 o branco emergiu como objeto de análise para compreender as relações sociais nos EUA, dando origem aos Estudos Críticos sobre a Branquitude. No Brasil, aparece de forma sistemática em 2000, sob a ótica da Sociologia, Psicologia Social e da Comunicação. Alberto Guerreiro Ramos, Edith Piza, César Rossato e Verônica Gesser, Maria Aparecida Bento e Liv Sovik são autores reconhecidos por seus esforços nesse campo (CARDOSO, 2008).

Para entender melhor a faceta do poder, é importante trazer em cena Mbembe (2018a; 2018b) e duas discussões edificantes do contexto que é pano de fundo das mortes nos recortes de análise deste artigo. A razão negra é um conjunto de discursos e de práticas – trabalho diário de inventar, repetir e promover falas, textos e rituais que coloquem o negro enquanto sujeito racial e selvagem passível de desqualificação moral e de instrumentalização prática – na prática, ferramentas cognitivas acionadas pelo Ocidente para inferiorizar, subjugar, dominar e retirar a humanidade de um sujeito racial (MBEMBE, 2018b). A raça é a sombra presente no pensamento e nas práticas de dominação do Ocidente. E é nesse contexto que emergiu o Necropoder – poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Mas não o morrer de qualquer corpo, mas do grupo racial que a razão negra construiu como sujeitos esvaziados de humanidade (MBEMBE, 2018a). Para o ativista Santiago (*apud* AZEVEDO; BARBOSA, 2019), a violência é implantada na favela, ao passo que o diálogo da polícia com os moradores se dá com eles sendo observados a partir da mira de fuzis.

A Necropolítica – política de morte praticada pelo Estado – está na realidade empírica do Brasil e na ampliação do número de pessoas confortáveis com episódios como 80 tiros, exemplo da política de execução praticada pelas forças policiais sem disfarce. A execução de Evaldo e Luciano ilustra a teoria de Césaire (2004) que a mesma burguesia que se mostra enraivecida com Hitler não se ressentida do genocídio em si. O que ela não perdoa são os crimes contra e a humilhação do homem branco (CÉSAIRE, 2020), por isso a diferença na mobilização no caso 80 tiros – envolvendo uma família negra – *versus* um episódio de assassinato de uma pessoa branca e moradora de um bairro de classe média.

Os discursos e as práticas cotidianas do século XXI fazem reaparecer o terror da época da escravidão [...]. O que levou as forças do Exército a descarregarem os fuzis contra o carro de Evaldo? Uma das possíveis respostas para a origem dos disparos é a cor da pele do motorista e dos ocupantes do veículo, tomada como marca do inimigo a ser eliminado, atualizando a cultura da violência. (AZEVEDO; BARBOSA, 2019, p. 135)

Metodologia

Considerando o contexto de protesto em nuvem, o objetivo do artigo é apresentar uma análise comparativa entre as mobilizações em torno de dois casos de violência e arbitrariedade de profissionais da força policial do Estado contra pessoas negras – um episódio de natureza internacional (BLM, o caso de Mineápolis) e outro nacional (80 tiros). O intuito é encontrar aproximações nos discursos mobilizados pelos principais interlocutores no Twitter, além de identificar marcadores discursivos da branquitude nos recortes em questão.

Ter episódios de proporção nacional e internacional possibilita analisar aproximações e distanciamento das reações no Brasil versus nos EUA (e até além dos EUA, considerando que as mobilizações se espalharam pelo mundo no caso de BLM). Se as diferenças culturais e comportamental no que tange o uso das RSI interferem na articulação de discursos dos ativistas é uma camada que pode render insumos de análise, especialmente porque a interpretação se fundamenta em conceitos como ignorância branca (as declarações de negacionismo sobre os abusos das forças policiais serão similares?) e Necropolítica (Brasil e EUA compartilham de táticas de exercer esse poder

de morte?). Outras perguntas para guiar a interpretação dos tweets coletados: quais os argumentos discursivos usados pelos nós de destaque das redes formadas? Quais os conflitos entre os nós de destaque das comunidades, especialmente entre os que ocupam papéis sociais divergentes (ativista x representante do Estado, por exemplo)?

Ao comparar os recortes, cabe ainda o questionamento sobre o poder mobilizador dos discursos, considerando que no episódio de Floyd o BLM é anterior a sua morte, tendo um poder diferenciado de viralização das discussões pelo residual já construído. #80tiros, por sua vez, teve notoriedade pela arbitrariedade chocante até mesmo para os padrões de violência no Brasil pelo volume de disparos contra uma família sem qualquer situação suspeita.

A análise se ampara na importância de compreender o aglomerado (*clusters* ou comunidades) de nós (nodes – indivíduos ou organizações) conectados pelas arestas (elo social) das mobilizações em torno dos casos debatidos no artigo – #80tiros e o caso de Floyd. Os nós representam os atores, as arestas, as conexões entre os nós e os *clusters* ou comunidades, ou seja, os grupos mais densos na rede e com maior número de conexões na rede. Os atores nas RSI devem ser analisados a partir de representações ou das construções identitárias na cultura digital e para entender esses atores sociais é necessário também entender como as conexões são estabelecidas, como são constituídas e quais padrões de conexão existem entre elas.

Assim, a partir da análise de redes sociais na internet, é possível compreender a estrutura social, a geração de fluxos informacionais e a maneira pela qual as interações sociais impactam a estrutura (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012). Os elementos básicos para a interpretação de dados da ARS é o estudo das interações entre nós – ator/indivíduo ou coletivo, no caso da internet representado por *nicknames*, perfis e textos, e arestas – conexão entre os atores, como menções e *retweets*, no caso do Twitter (OLIVEIRA *et al.* 2020).

A análise seguiu os procedimentos mencionados abaixo:

1. Definição de plataforma analisada;
2. Definição das *queries* de cada episódio recortado para a base de coleta, sendo ela a expressão “Oitenta Tiros” para a base que trata do assassinato do músico Evaldo Rosa e do catador de material reciclado Luciano Macedo, no Rio de Janeiro; em relação ao caso do assassinato de o assassinato de George Floyd, foi utilizada a consulta *minneapolis*, com recorte para tweets em português;
3. Configuração da ferramenta Netlytic⁷ (GRUZD, 2016) com as definições de plataforma de coleta, aplicação das *hashtags*, tempo de atualização de coleta e dias de execução dos parâmetros;
4. Tratamento, análise e visualização da rede por meio da ferramenta Gephi (BASTIAN; HEYMANN; JACOMY, 2009).

O *corpus* de análise foi formado com o monitoramento de uma palavra-chave para cada evento. Para o caso brasileiro, especificamente '80tiros', em um período de 10 dias, o que resultou em mais de 82 mil menções, e para o segundo episódio analisado, a expressão 'Black Lives Matter Minneapolis', passando dos 200 mil tweets capturados em um mês da ferramenta de coleta ativa.

⁷ A ferramenta Netlytic não coleta a totalidade das mensagens em torno do objeto pesquisa, mas uma porcentagem representativa baseada em 1000 mensagens mais recentes a cada 15 minutos.

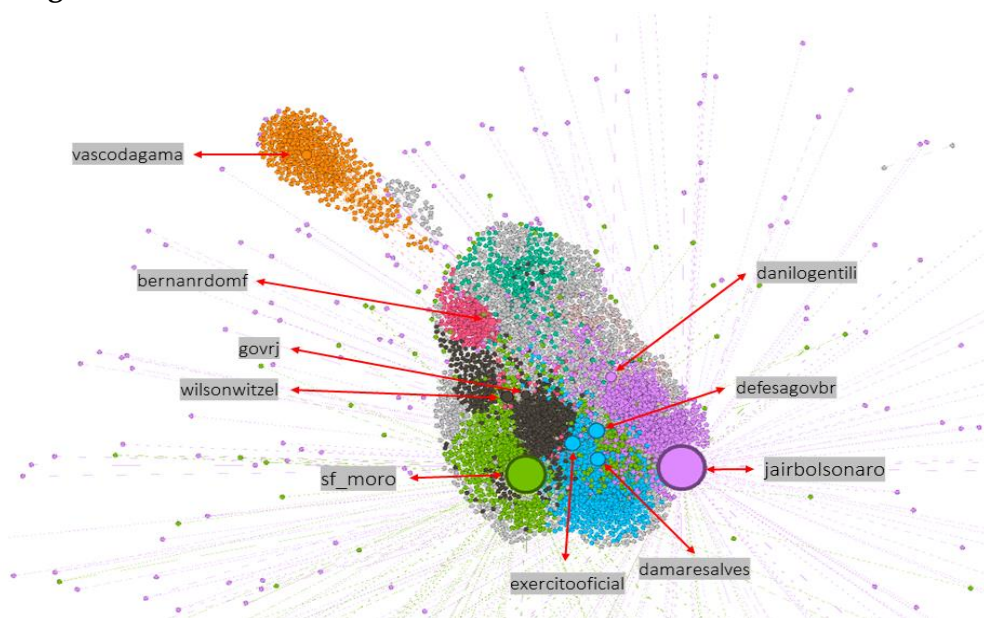
Análise da Rede #80tiros

Os tweets a respeito de #80tiros foram coletados por dez dias, entre 08/04/2019 e 14/04/2019, e obteve como *corpus* 85.028 mensagens totais e 68.187 mensagens únicas. A rede descrita abaixo é uma rede de perfis que evidenciam quem menciona quem, incluindo *retweets*. A rede, executada na distribuição Force Atlas 2, possui as seguintes métricas: grau médio⁸ de 0,19; diâmetro da rede⁹ de 3; densidade¹⁰ de 0,00; modularidade¹¹ de 0,5 e 6 comunidades principais; e componentes conectados¹² de 62.488.

Trata-se de uma rede inteira – de uma coleta realizada a partir de um termo e não de um perfil específico – com grafos direcionados e, embora haja comunidades identificadas pela modularidade, a rede possui pouca conexão entre os nós, dado que os *clusters* se dão, principalmente, pelos nós mais mencionados em cada um, e não entre conversas dissipadas pela rede. Isso fica evidente pelas métricas de grau médio e densidade igual a 0,00.

Conforme observamos na figura 1 abaixo, a rede possui nós em destaque quanto ao grau de entrada, ou seja, são aqueles perfis que se destacam pois são mencionados por diversos outros perfis. De modo geral, a maioria dos nós em destaque trata de autoridades ou perfis oficiais de órgãos públicos. Se destacam ainda um jornalista, humorista e o perfil do time de futebol Vasco da Gama.

Figura 1: Rede #80tiros



Fonte: elaboração dos/as autores/as

Quanto à métrica de modularidade e as comunidades obtidas, no *cluster de cor roxa*, a maior com 2,17% dos nós, encontra-se em destaque o perfil do então Presidente Jair Bolsonaro, principalmente por não se pronunciar a respeito dos assassinatos. Neste *cluster* também se destaca o perfil do humorista Danilo Gentili atrelado ao Presidente

⁸ O Grau Médio é a métrica que permite identificar o nó com maior número de conexões.

⁹ O Diâmetro calcula a maior distância entre nós da rede.

¹⁰ A métrica Densidade mede o quão o grafo está de ser completo.

¹¹ A métrica de Modularidade permite a identificação de comunidades na rede.

¹² A métrica determina o número de componentes conectados na rede.

Jair Bolsonaro, pois no mesmo período em que o brutal caso ocorreu, a autoridade publicou em seu perfil declarações de desaprovação ao julgamento e solidariedade ao humorista pela condenação por ofensas à Deputada Maria do Rosário. Somente após pressão da sociedade, Bolsonaro se manifestou sobre os assassinatos no Rio de Janeiro, mas saiu em defesa do Exército, reforçando que “o Exército não matou ninguém”. A não mobilização do presidente a respeito dos assassinatos no Rio de Janeiro *versus* a atenção e a defesa do humorista com comprovado ato de violência moral é um exemplo que se aproxima do conceito de pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2002), esse acordo velado em que a branquitude – nesse caso a autoridade máxima do país – usa de artifícios discursivos para se evadir de críticas por usufruir de condição de proteção ou privilégio material ou simbólico. A demonstração de apoio a Gentil, também pertencente à branquitude, e o silêncio para com as famílias enlutadas, atua como artifício de desvio do foco da discussão dos assassinatos para enfraquecer a rede de conversas e, conseqüentemente, a visibilidade, além de reforçar quais as vidas que importam e quais os cidadãos brasileiros que merecem atenção, cuidado, solidariedade e a proteção do presidente Bolsonaro.

No *cluster de cor verde*, que possui 1,55% dos nós, se destaca em menção o perfil do então Ministro da Justiça Sérgio Moro, sobretudo a partir do *tweet* da jornalista negra Cecília Oliveira em que há aspas do pronunciamento de Moro sobre o caso: “incidente bastante trágico [...] esses atos podem acontecer”. Novamente identificamos um marcador discursivo da branquitude para quase justificar a violência praticada contra Evaldo e Luciano – trata-se da Necropolítica. A declaração dá a entender que esses supostos acidentes são previstos pelo Estado, naturalizando que o mesmo decida quem vive e quem morre, no caso, pessoas negras.

As autoridades tentaram minimizar a violência praticada pelo Estado em seus discursos, alegando ser uma eventualidade e não um crime. Assumiram o que se pode chamar de prática de execução institucionalizada, sobretudo em determinadas regiões e grupos sociais, ao invés de fazer uma crítica sobre a necessidade de revisão das políticas de segurança pública para preservar a vida de todos os cidadãos. Os Militares envolvidos no episódio, fortemente armados, não abordaram o motorista e, sem aviso prévio, dispararam quase 300 balas contra o carro que transportava uma família. Além de ser exemplo da necropolítica vigente, relativizar a violência praticada contra a população negra por forças de responsabilidade da União é uma narrativa de preservação do seu lugar de privilégio – outro conceito estruturante do discurso da branquitude.

Já no *cluster azul* (1,24%), há três perfis relacionados ao governo federal: a ministra Damares Alves, responsável pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o perfil oficial do Exército Brasileiro e do Ministério da Defesa. Nesta comunidade, a Ministra foi mencionada de modo expressivo pelos cidadãos que cobravam uma declaração sobre as mortes. A resposta não veio, com o argumento velado da ignorância branca, a audiência esperava um posicionamento de indignação, sobretudo pela violência policial contra uma família negra, e a autoridade oficial no quesito Direitos Humanos no país se manteve “ignorante” quanto aos efeitos estruturantes de uma sociedade racista, na execução de mais uma pessoa negra por forças de segurança do Estado.

O elevado número de projéteis disparados pelo Exército corroborou à mobilização digital, pois permitiu descartar contextos que poderiam ser acionados em defesa do Exército. Hipóteses de bala perdida ou legítima defesa por parte das forças

armadas ficaram inviabilizadas. Até o argumento posteriormente mencionado pelo comando de "confusão com um veículo roubado na localidade" se torna refutável pela intensidade da ofensiva a um carro que poderia ser parado de diversas formas menos violentas e sem vítimas letais. Ainda assim, as fontes oficiais – Presidente, Ministros de áreas correlatas e o comando do Exército insistiram no discurso de incidente e engano, negando qualquer relação com aspectos racializados e apostando na prática discursiva da ignorância branca.

No *cluster de cor preta* (0,9%), a maioria das menções está concentrada nas autoridades do estado do Rio de Janeiro, como do até então Governador Wilson Witzel e o perfil oficial do Governo do Rio de Janeiro. O *tweet* viralizado também a partir do perfil da jornalista Cecília Oliveira traz aspas do então Governador – "Não me cabe fazer juízo de valor", evocando, mais uma vez, a naturalização das forças armadas do país como executoras do necropoder.

No *cluster vermelho* (0,48%), o destaque é o jornalista Bernardo Mello Franco, responsável por um *retweet* com o link para a sua coluna no portal O Globo. O texto foi publicado quando o Presidente evitava se posicionar. O volume de RT nesta mensagem e de outros *tweets* mencionando o link ganhou força e aumentou a pressão para finalmente ocorrer a declaração, não como esperado pelos ativistas. Fala, como apontado acima, onde o governante exime o Exército de qualquer responsabilidade sobre o ocorrido.

Um pouco mais afastado do centro da rede, no *cluster de cor laranja* (0,65%), encontra-se em destaque o perfil do time de futebol Vasco da Gama. A partir de uma menção de um usuário com o conteúdo: "Evaldo dos Santos Rosa morreu após o exército dar 80 (OITENTA) tiros no carro da família. A foto dá a entender que ele era vascaíno. Bem que o @VascodaGama podia prestar uma homenagem e acolher a família!" diversos usuários passaram a marcar o perfil oficial do time para que o mesmo se posicionasse¹³.

Em todas as comunidades é possível identificar *tweets* com recursos imagéticos de reforço da indignação (charges, fotos do local do crime, mensagens de protestos e capas ou prints de manchetes em jornais, portais) com quantidade expressiva de RTs. Novamente o número desproporcional de munição envolvida no ataque do Exército pode ser usado como elemento visual de exposição da atuação de extermínio de uma força policial oficial, ou Necropolítica, nos termos de Mbembe (2018a).

Análise da Rede Minneapolis #VidasNegramImportam

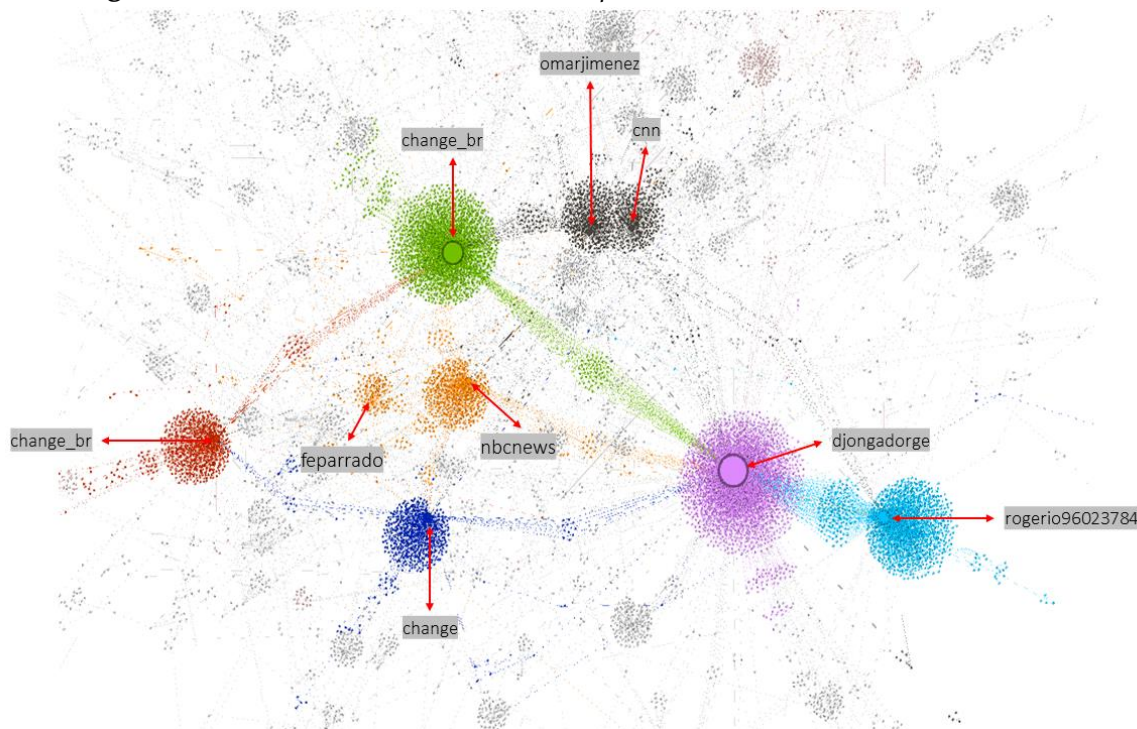
Já a base referente ao *tweets* "Black Lives Matter Minneapolis" foi coletada por um mês, entre os dias 28/05/2020 e 27/06/2020, totalizando 200.081 mensagens e 80.339 mensagens únicas. A rede, também executada na distribuição Force Atlas 2, possui as métricas: grau médio de 0,24; diâmetro da rede de 5; densidade de 0,00; modularidade de 0,88 com 7 comunidades principais; e componentes conectados de 62,787.

A rede *Black Lives Matter Minneapolis* apresenta características similares à rede #80tiros. Também se trata de uma rede inteira coletada a partir de um termo e não de um perfil, com grafos direcionados e nós poucos conectados, conforme expressado nas métricas de grau médio e densidade igual a 0,00. A maior diferença entre as redes está na métrica de diâmetro da rede, aqui igual a 5, enquanto a rede #80tiros tem 3 de

¹³ A pesquisa não localizou nenhuma homenagem realizada pelo clube Vasco da Gama.

diâmetro. Logo, observamos na figura 2 abaixo *clusters* mais espaçados na estrutura da rede. Os nós em destaque são de perfis de veículos de comunicação, como NBC News e CNN, o perfil da plataforma de abaixo assinados *Change* e perfis de jornalistas e tradutores de conteúdo.

Figura 2: Rede *Black Lives Matter Minneapolis*



Fonte: elaboração dos/as autores/as

Ao analisar a métrica de modularidade e as comunidades que se formaram na rede, observamos que no *cluster roxo*, o maior com 3,81% do nós, encontra-se em destaque com mais menções o perfil @djongadorge que, embora não se trate do perfil oficial, faz menção a uma frase do rapper Djonga: "É como diz o @djongadorge: fogo nos racistas! A polícia de todos os países do mundo mata pobre e preto. Só a luta muda a vida!". Quem twitta o conteúdo é o perfil do Coletivo Anarquista Bandeira Negra. Floyd é vítima não de um acidente, mas da necropolítica denunciada pelo BLM há anos. Neste *cluster*, os discursos de reverberação são denúncias desse necropoder.

Os perfis da plataforma de abaixo assinado *Change* aparecem em variadas comunidades, como no *cluster verde*, que possui 2,79% dos nós da rede, onde se destaca com maior grau de entrada o perfil change_br; no *cluster de cor vermelha*, com o perfil @change_br; e novamente no *cluster azul*, agora com o perfil mundial @change. A menção de todos esses perfis se dá pela aderência e divulgação da assinatura de petição contra o caso, que arrecadou 3.675.512 de assinaturas¹⁴. Guardadas as devidas proporções, é similar ao movimento dos ativistas no Brasil por uma cobrança de posicionamento pelo Governo Federal e Exército (*clusters* roxo, verde e azul no recorte de 80 tiros), denunciando a atuação de extermínio das forças policiais, seguindo a lógica da necropolítica.

¹⁴ Disponível em: <https://www.change.org/p/change-org-the-minneapolis-police-officers-to-be-charged-for-murder-after-killing-innocent-black-man>

No *cluster azul claro*, o perfil de destaque trata de Rogério Lima (@rogerio96023784), que pelas interações aparenta ser um apoiador do presidente Bolsonaro. O usuário se destaca pelo RT no perfil @AngelpeloBrasil – atualmente uma conta suspensa – com a seguinte mensagem: "O presidente dos #EUA, Donald Trump, alertou: 'A Guarda Nacional chegou ao local. Eles estão em Minneapolis e totalmente preparados. George Floyd não terá morrido em vão. Respeitem a memória dele!'".

No *cluster de cor preta* dois perfis se destacam, o repórter Omar Jimenez (@omarjimenez), que é correspondente da CNN, e o perfil @cnn. Os conteúdos sobre os dois perfis tratam principalmente da prisão da equipe quando tentavam cobrir os protestos nos EUA. As pessoas relacionadas nas conversas dão ênfase no fato de Omar ser um homem negro, como no exemplo: "Uma equipe da CNN, incluindo o repórter negro @OmarJimenez, foi presa agora a pouco enquanto transmitia ao vivo os protestos de Minneapolis". Um conteúdo que seria informativo, embora não isento de postura crítica, ganha ares de denúncia, acionando narrativas alinhadas ao protesto em nuvem, se valendo das RSI como ferramenta de alcance e propagação, mas também como fórum de debate, para furar as barreiras físicas impostas e pressionar as forças de segurança a respeitarem a atuação da imprensa.

No *cluster de cor laranja* o perfil em destaque trata da @nbcnews que também recebe diversas menções pela cobertura midiática dos protestos nos EUA. E, embora um pouco afastada, o segundo perfil em destaque nesta comunidade é a @feparrado que não se trata de um perfil na plataforma Twitter e sim do Instagram e é marcada por ser a tradutora de um vídeo com depoimento de um jovem negro americano. O conteúdo deste tweet diz: "Forte depoimento de jovem que estive nos protestos em Minneapolis. 'Mais uma vez a polícia falhou em nos proteger. E não, isso não vai acabar hoje, não posso dizer que vai acabar amanhã [...] Vocês estão nos matando'" (MAGALHÃES, 2020). Nessa comunidade são acionados artifícios discursivos que escancaram o privilégio branco do direito à dúvida, de ser considerado primeiro um suspeito e não um alvo sem uma ação suspeita como gatilho. Está presente ainda, a crítica à lógica político-social do necropoder aplicado no trato da população negra nos EUA e no mundo – razão pela qual os protestos começaram em Minneapolis, mas ganharam proporção mundial.

Considerações Finais

A abordagem da ARS dos dois recortes evidenciou argumentos típicos da branquitude por parte dos interlocutores oficiais em suas práticas discursivas acionadas no Twitter, com o intuito de uma construção argumentativa que ajudasse a mascarar o racismo embutido em ambas as mortes executadas por forças de segurança do Estado (Exército Brasileiro e Polícia local nos EUA). Uma comparação possível de ser feita é a natureza dos argumentos. Enquanto na rede de BLM as RSI são ferramentas acionadas como espaço de visibilidade e cobertura dos eventos, o que se percebe vendo a força dos nós ligados à imprensa, os destaques na rede dos #80tiros são plurais: há a indignação sobre a brutalidade da execução, explorando elementos contextuais e da cena do crime (nesse caso, RSI como plataforma de debate e produção de sentido); organização de atos; e aproveitamento do expressivo debate para emplacar a pauta de revisão da política de segurança pública. Ao analisar as redes, nota-se uma maturidade dessa conversa nos EUA pelo trabalho de anos de entidades como o BLM, ao passo que

no Brasil ainda há resistência, justamente pela postura de negação de que há racismo no País – uma face da ignorância branca, usando os termos de Santos (2018).

Por vezes, alternando entre essa suposta ignorância das ações violentas e desproporcionais do Exército e da polícia e a relativização dos fatos, como incidente, engano ou fatalidade – encobrendo a Necropolítica vigente no Brasil e no mundo, nos termos de Mbembe (2018a). Ainda nesse âmbito da política de morte cada vez mais aceita como normalidade na atuação das forças de segurança do Estado, ambos os episódios foram reverberados pelos ativistas como provas irrefutáveis que as políticas e condutas de segurança pública precisavam ser revistas. Não se tratava apenas dessas três vidas extintas após atos de violência de representantes do Estado, mas de um sistema vigente de assassinato recorrente. Mas, na prática, essas mortes incomodam de modo passageiro nos dias próximos ao fato em si e dependendo da cobertura da mídia e volume de conversas nas RSI – porque se concentram nas áreas periféricas e envolvendo pessoas não pertencentes à branquitude, com exceção dos ativistas negros que se empenham em pautar a discussão de modo perene, ao passo que arbitrariedades como essas são rotineiras. Nas duas redes é possível identificar o engajamento de pessoas da branquitude supostamente antirracista, porém a presente pesquisa não dispõe de informações suficientes (por tempo de monitoramento e número de episódios recortados) para aferir o quão efêmero é ou não esse engajamento de aliados antirracistas.

Nos recortes se evidencia ainda, enunciados mobilizados para sustentar o "privilégio branco" como a não responsabilização do policial de Minneapolis mesmo com vídeos mostrando sua intenção em pressionar o pescoço de Floyd por mais de 8 minutos, apesar das súplicas que a vítima não conseguia respirar. Em situação oposta, um homem negro a caminho de um chá de bebê com sua família é considerado suspeito simplesmente por transitar de carro, sem praticar qualquer ato que justificasse uma abordagem de averiguação violenta e, muito menos, uma execução sumária. O policial branco e o comandante branco do grupamento do Exército, aos olhos das autoridades, inicialmente apenas cometeram erros que devem ser relativizados, enquanto as mortes são corpos de guerra ou efeitos colaterais.

Referências

ALMEIDA, Reno Beserra. Sozinho, me ajoelho; juntos, nos levantamos: gesto e performance em levantes. *Galáxia*, São Paulo, n. 46, p. 1-20, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202153738>.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

AZEVEDO, Lídia Michelle Damaceno; BARBOSA, Zilda Martins. Política de morte: a mira certa sem comoção. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 17, p. 127-140, 2019. Doi: <https://doi.org/10.12660/rm.v11n17.2019.81085>.

BASTIAN, Mathieu; HEYMANN, Sebastien; JACOMY, Mathieu. *Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks*. *Icwsn*, v. 8, n. 3, p. 361-362, 2009.

BENNETT, W. Lance. The personalization of politics: Political identity, social media, and changing patterns of participation. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, London, v. 644, n. 1, p. 20-39, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1177/0002716212451428>.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. *The logic of connective action: digital media and the personalization of contentious politics*. Nova York, NY: Cambridge University Press, 2013. Doi: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139198752>.

- BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Doi: <https://doi.org/10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514>.
- BIMBER, Bruce. Digital media in the Obama campaigns of 2008 and 2012: adaptation to the personalized political communication environment. *Journal of Information Technology & Politics*, London, v. 11, n. 2, p. 130-150, Feb. 2014. Doi: <https://doi.org/10.1080/19331681.2014.895691>.
- BOLSONARO, sobre os 80 tiros contra músico no Rio: "O Exército não matou ninguém". Brasil de Fato, São Paulo, 12 abr. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/12/bolsonaro-sobre-os-80-tiros-contramusico-no-rio-o-exercito-nao-matou-ninguem>. Acesso em: 15 jan. 2022
- BÜLLOW, Marisa von; DIAS, Tayrine. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Portugal, n. 120, p. 5-32, 2019. Doi: <https://doi.org/10.4000/rccs.9438>.
- CARNEY, N. All lives matter, but so does race: black lives matter and the evolving role of social media. *Humanity & Society*, London, v. 40, n. 2, p. 180-199, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1177/0160597616643868>.
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). *Psicologia social do racismo*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CASTELLS, Manuel. *Networks of outrage and hope: social movements in the Internet age*. 2nd ed. Canada: John Wiley & Sons, 2015.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. Tradução: Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.
- COHEN, Benny. RJ: 'lamentavelmente, pode acontecer', diz Moro sobre 80 tiros do Exército. *Correio Brasiliense*, 10 abr. 2019. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/10/interna-brasil,748611/rj-lamentavelmente-pode-acontecer-diz-moro-sobre-80-tiros-do-exercito.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- COULDRY, Nick. The myth of "us": digital networks, political change and the production of collectivity. *Information, Communication & Society*, London, v. 18, n. 2, p. 608-626, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2014.979216>.
- DANIELS, Jessie. Twitter and white supremacy, a love story. *Dame Magazine*, New York, 19 oct. 2017. Disponível em: <https://www.damemagazine.com/2017/10/19/twitter-and-white-supremacy-love-story>. Acesso em: 19 set. 2020.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos e técnicas de pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- GERBAUDO, Paolo. *Tweets and the streets: social media and contemporary activism*. London: Pluto Press, 2012.
- GRUZD, A. *Netlytic: Software for Automated Text and Social Network Analysis* [software]. 2016.
- GUIMÓN, Pablo. BLM é a mobilização antirracista mais ampla em alcance geográfico da história dos EUA, segundo Neal Caren. *El País*, Buenos Aires, 7 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-09-07/black-lives-matter-o-rumo-incerto-do-grande-movimento-antirracista.html>. Acesso em: 1 nov. 2021.
- JESUS, Camila Moreira de. persistência do privilégio da brancura: notas sobre os desafios na construção da luta antirracista. In: CARDOSO, Lourenço; MULLER, Tânia Mara Pedrosa (org.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.
- LIMA, Dulcilei da Conceição. *#Conectadas: o feminismo negro nas redes sociais*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) – Universidade Federal do ABC, Santo André, 2020.
- MAGALHÃES, Victor. *Forte depoimento de jovem que esteve nos protestos em Minneapolis*. 28 maio 2020. Twitter: @valavitor. Disponível em: <https://twitter.com/valavitor/status/1266192023075389441>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- MANIFESTANTES fazem ato em SP contra morte de músico baleado pelo Exército no Rio: '80 tiros em uma família negra'. *Portal Geledés*, 15 abr. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/manifestantes-fazem-ato-em-sp-contramorte-de-musico-baleado-pelo-exercito-no-rio-80-tiros-em-uma-familia-negra/>. Acesso em: 15 jan. 2022

- MANZANO, Fabio. Ex-policial Derek Chauvin é condenado a 22 anos e meio de prisão pela morte de George Floyd. *G1*, São Paulo, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/25/ex-policial-derek-chauvin-e-sentenciado-a-mais-de-20-anos-de-prisao-pela-morte-de-george-floyd.ghtml>. Acesso em: 1 nov. 2021
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política de morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018b.
- MCGRATH, Kathy; ELBANNA, Amany; HERCHEUI, Magda; SAAD, Elizabeth. Exploring the democratic potential of online social networking: the scope and limitations of e-participation. *Communications of the Association for Information Systems*, Illinois, v. 30, p. 239-254, May 2012. Doi: <https://doi.org/10.17705/1CAIS.03016>.
- MCINTOSH, Peggy. *White privilege: unpacking the invisible knapsack*. Wesllesley: The Nation Seed Project, 1989. Doi: <https://doi.org/10.4324/9781351133791-4>.
- MILAN, Stefania. From social movements to cloud protesting: the evolution of collective identity. *Information, Communication & Society*, London, v. 18, n. 8, p. 887-900, May 2015. Doi: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.1043135>.
- MILAN, Stefania. When Algorithms shape collective action: social media and the dynamics of cloud protesting. *Social Media + Society*, Chicago, v. 1, n. 2, Jul. 2015. Doi: <https://doi.org/10.1177/2056305115622481>.
- MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Branquitude invisível: pessoas brancas e a não percepção dos privilégios: verdade ou hipocrisia. In: MÜLLER, Tânia MP; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Ed. Appris, 2017, p. 53-89.
- MONARI, Ana Carolina Pontalti; ARAUJO, Kizi Mendonca de; SOUZA, Mateus Ramos de; SACRAMENTO, Igor. Narrative disputes and legitimation: analysis of Bolsonaro the arguments about Covid-19 vaccination on Twitter. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2021. Doi: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5707>.
- MORAES, Thiago Perez Bernardes de; SANTOS, Romer Mottinha. “Eu preciso respirar”: George Floyd, Black Lives Matter e o enxame de buscas na web. In: ROCHA, Wesley Henrique Alves da (org.). *Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios*. Curitiba: Editora Bagai, 2021. p. 203-215.
- OLIVEIRA, Taís Silva; LIMA, Dulcilei da Conceição; PENTEADO, Claudio Luis de Camargo. # QuemMandouMatarMarielle: a mobilização online um ano após o assassinato de Marielle Franco. *Revista Líbero*, n. 45, p. 138-157, 2020.
- PAPACHARISSI, Zizi. *Affective publics: Sentiment, technology, and politics*. Oxford: Oxford University Press, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199999736.001.0001>.
- PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; LERNER, Celina. A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. *Debate*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 12-24, 2018.
- PENTEADO, Claudio Luis de Camargo Penteado; CRUZ JUNIOR, Brauner Geraldo. Ação política na internet na era das redes sociais. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*, n. 26, p. 109-122, 2019.
- PENTEADO, Claudio Luis de Camargo Penteado; GOYA, Denise Hideko; DE FRANÇA, Fabrício Olivetti. Discursive conflicts around the impeachment of Dilma Rousseff (Brazil) on Twitter. *Perspetivas da Contemporaneidade*, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 49-67, abril/2021. Disponível em: <http://www.perspectivas.periodikos.com.br>
- PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). *Psicologia social do racismo*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 59-90.
- RECUERO, Raquel da Cunha. Disputas discursivas, legitimação e desinformação: o caso Veja x Bolsonaro nas eleições de 2018. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v.16, n. 47, p. 432-458, 2019. Doi: <https://doi.org/10.18568/cmc.v16i47.2013>.
- REUTERS. Protestos espalhados pelo mundo apoiam movimento 'Black Lives Matter'. *G1*, São Paulo, 6 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/06/protestos-espalhados-pelo-mundo-apoiam-movimento-black-lives-matter.ghtml>. Acesso em: 03 jan. 2022.

SANTOS, Breno Ricardo Guimarães. Ignorância branca. *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa, v. 17, n. 1, p. 413-438, jun. 2018. Doi: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v17i1.785>.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade*, Pernambuco, v. 26, n. 1, p. 83-94, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>.

SILVA, Cristiane Maré da; CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. O fim do arco-íris: a branquitude como desafio da luta antirracista no Brasil contemporâneo. In: CARDOSO, Lourenço; MULLER, Tânia Mara Pedrosa (org.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

SILVA, Priscila Elisabete. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: CARDOSO, Lourenço; MULLER, Tânia Mara Pedrosa (org.). *Branquitude: estudos sobre a identidade Branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017. p. 19-32.

SILVEIRA, Sergio. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. *Revista Usp*, São Paulo, n. 86, p. 28-39, 2010. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i86p28-39>.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. #Vidasnegrasimportam e libertação negra. Tradução: Thalita Bento. São Paulo: Elefante, 2020.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. O surgimento do movimento #blacklivesmatter [vidas negras importam]. Tradução: Maira Mee Silva e Deivison Mendes Faustino. *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 22, n. 40, p.108-123, jan./jun. 2018.

TRINDADE, Luiz Valério P. Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil. In: SILVA, Tarcizio (org.). *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos*. São Paulo: Literarua, 2020.

UNIVERSIDADE TIRADENTES. *Mortes em ações policiais acontecem principalmente em periferias*. Aracaju 15 jun. 2021. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/mortes-em-acoes-policiais-acontecem-principalmente-em-periferias>. Acesso em: 26 nov. 2021,

VIDAS negras importam: protestos crescem nos EUA e Rio tem manifestação neste domingo. *Brasil de Fato*, São Paulo, 31 maio 2020. Disponível em: <https://www.brasildfato.com.br/2020/05/31/protestos-por-george-floyd-crescem-nos-eua-rioter-manifestacao-neste-domingo-31>. Acesso em: 03 jan. 2022

Declaração de Co-Autoria: Declaração de co-autoria: Daniele Cristine Rodrigues, Claudio Luís Camargo Penteado e Taís Silva Oliveira declaram que todos contribuíram com a elaboração dos referenciais conceituais, base da análise e identificação dos mesmos nas redes formadas, na seção de análise, e nas considerações finais.

*Minicurrículo do/as Autore/as:

Daniele Cristine Rodrigues. Mestre em Comunicação Digital pela Universidade de São Paulo (2014). Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais junto à Universidade Federal do ABC. E-mail: daniele.rodrigues100@gmail.com.

Claudio Luís Camargo Penteado. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Docente junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFABC. E-mail: claudio.penteado@ufabc.edu.br.

Taís Silva Oliveira. Mestre em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (2019). Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais junto à Universidade Federal do ABC. E-mail: taisso@gmail.com.